

## Desenvolvimento da Linguagem

Paula Tallal, especialista da linguagem e neurocientista da Rutgers University, diz que “Os problemas de linguagem das crianças estão associados ao *stress* existente durante a gravidez”, e continua: “Não só pode a hormona sexual falhar durante este período de tempo, como também outras componentes, tais como as hormonas do *stress*, podem ser elevadas a níveis anormais.” Isto deve-se ao facto de a libertação ou inibição das hormonas alterar o desenvolvimento dos hemisférios. E acrescenta: “Um período de gravidez sob *stress* está altamente correlacionado com a incapacidade de demonstrar a lateralização estrutural esperada” (in Kotulak, 1993: capítulo 1, p.4). Como resultado, é frequente verificar-se que os filhos sofrem de gaguez ou dislexia. O lado esquerdo do cérebro processa a informação auditiva mais rapidamente do que o lado direito, o que constitui uma competência crucial na separação dos sons do discurso por unidades distintas para a melhor compreensão. O hemisfério esquerdo, normalmente responsável pelo desenvolvimento da linguagem, desenvolve-se mais lentamente no cérebro masculino. Essa é a razão pela qual o sexo masculino normalmente desenvolve mais problemas de linguagem do que o sexo feminino. Janellen Huttenlocher, da Universidade de Chicago, afirma que os bebés com menos de dois anos cujos pais falam mais frequentemente com eles e utilizam palavras maiores e mais “adultas” desenvolverão melhor as suas competências linguísticas (in Kotulak, 1993: capítulo 1, p. 4). “Existe um enorme vocabulário a ser adquirido, durante esta fase.” Ele é crucial para construir mais tarde o caminho para as competências de leitura (Begley, 1996, p. 57). Infelizmente, muitos pais ainda não sabem o quão importante é lerem para os seus filhos. Uma sondagem recente mostrou que oitenta e dois por cento dos pais dizem que não incentivam a leitura em casa (“Reading at Home”, 1996). Ainda pior, três em cada quatro adultos afirmam que as crianças estão “demasiado distraídas” com a televisão para lerem. Um outro inquérito refere que noventa por cento das crianças com idades compreendidas entre os nove e os treze anos se ocupam com jogos de vídeo (“Video Games”, 1996). Enquanto quarenta e três por cento joga menos de uma hora por dia, vinte e sete por cento joga entre duas a seis horas por dia.

Desenvolver competências de leitura é uma outra história. Embora os bebês possam aprender a ver, a apontar e a dizer uma palavra, isso tem pouco significado enquanto não tiverem experiência de vida suficiente que lhes permita fazer a correspondência entre as palavras e a realidade. Alguns estudos sugerem que os bebês conseguem ouvir as palavras apesar de ainda não conseguirem falar. Todas as palavras, quer sejam entendidas ou não, contribuem para o desenvolvimento da sintaxe, do vocabulário e do significado. Acredita-se que esta fase é crítica para o desenvolvimento da linguagem. Surpreendentemente, não existe nenhum calendário absoluto para a aprendizagem da leitura. Diferenças de três anos são normais. Algumas crianças estarão prontas para começar a ler aos quatro anos; outras, igualmente normais, estarão prontas aos sete ou mesmo aos dez anos. A criança que começa a ler aos sete anos pode não estar “atrasada no desenvolvimento” como muitos diagnosticavam. J. M. Kagan fala do quanto os bebês com menos de dois anos podem ser diferentes mesmo quando têm apenas alguns meses de idade. “Nunca vi um bebê com menos de dois anos que fosse estimulado por *todos* os tipos de acontecimentos; alguns eram excitados por imagens em movimento, mas não por sons, e outros demonstravam uns perfis inversos” (1994: p. 39). O que será mais *compatível com o cérebro*: a linguagem como um todo ou a instrução fônica direta? Estudos sugerem que há valor em ambas; o melhor será uma combinação. A escola de Sudbury Valley, em Framingham, no Massachusetts, é um exemplo de uma escola que compreende que a predisposição para a leitura e as diferenças nos cérebros dos alunos podem coexistir. O seu programa não impõe a leitura a nenhum aluno. Eles acreditam que os jovens já estão expostos a milhares de vocábulos no mundo. Em vez de a escola lhes ensinar a ler, dá-lhes simplesmente a possibilidade de escolha de o começarem a fazer quando se sentirem prontos. Como resultado, algumas crianças lêem aos cinco anos, outras aos seis, algumas tão tarde quanto os dez anos, mas de acordo com o fundador da escola, Daniel Greenberg, a escola tem cem por cento de diplomados verdadeiramente funcionais e letrados. Não há disfunções na leitura ou dislexia e todos gostam de ler. É uma abordagem que diz “Espera até o cérebro estar preparado para ler e então não conseguirás parar!” (Greenberg, 1991).